

XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

As diferentes etnicidades das professoras alfabetizadoras nas encruzilhadas da formação docente

Manuely Santos dos Anjos¹ 

Marise de Santana² 

RESUMO

A sociedade se organiza através de suas práticas culturais, suas memórias, identidade e afetos, como substância da etnicidade do sujeito. Barth (1968) explica que a consciência de si, reconhecer a sua alteridade em relação aos outros grupos, começam nas fronteiras da Etnicidade do sujeito. Pensar nessas fronteiras nos possibilita compreender o lugar das encruzilhadas como encontro de memórias e afetos que são construídos nas relações sociais e profissionais. Essa pesquisa tem como finalidade analisar como as etnicidades das professoras alfabetizadoras constituem a prática docente, com ênfase na história e cultural africana e afro-brasileira. Quanto aos objetivos específicos: Conhecer o processo formativo das professoras alfabetizadoras, sobretudo em história e cultura afro-brasileira; Identificar no relato das professoras alfabetizadoras, o que constitui suas respectivas etnicidades, ressaltando as categorias subjacentes a elas, a saber (fronteiras, religião etc.); Observar a prática pedagógica das professoras alfabetizadoras, no intuito de reconhecer os elementos de suas vivências pessoais e profissionais. Para fundamentar as categorias de análises que foram selecionadas, escolhemos autores que nessas andanças foram fundamentais para minha formação como pesquisadora e professora: Na Etnicidade: Barth (1998, 2006), Poutignat & Streiff-Fenart (1998), Carneiro da Cunha (1996, 2017), Bacelar (1998) Roberto Cardoso (2018), Arruti (2017) Santana (2014) e Santana; Ferreira e Nascimento (2017). Para dialogar com as trajetórias de vida, escolhi autoras que contaram suas experiências, suas vidas, que seus estudos me ajudaram no processo de cura e desenvolvimento pessoal, como bell hooks (2017, 2021, 2023), Evaristo (2022) Cárdenas (2021), entre outros autores que caminharam no aprofundamento dessa pesquisa. Desse

¹ Graduada em Pedagogia-UNEB, pós-graduada Lato Sensu em Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-Brasileira na Educação-IFBAIANO, Colaboradora do Programa de Extensão Cozinha dos Afetos para universitária negras-CAFUNÉ-UFRB e Mestranda de Relações Étnicas e Contemporaneidade-UESB.

² Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Bahia Olga Metting. Concluiu mestrado em pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em 2004 defendeu a Tese "O Legado Africano na Diáspora e o Trabalho Docente" na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, também orientada pela prof^a Dra Josildeth Gomes Consorte. É professora nível Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia das disciplinas Didática e Antropologia. Professora do Programa Stricto Sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade e do Curso de Pós Graduação em Antropologia Com Ênfase em Culturas Afro-brasileiras do ODEERE/UESB. Na UEFS- Universidade Estadual de Feira de Santana é Professora do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em "Desenho, Cultura e Interatividade".



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA 

XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

modo, utilizei como método a etnopesquisa crítica, através de observação, grupo focal e entrevista semiestruturada, pois, na formação de professores e pesquisadores, é de extrema relevância para provocar e contribuir com a reflexão de suas ações em sala de aula, contribuindo assim com a pesquisa em Relações Étnicas e Contemporaneidade, a fim de interpretar, desvelar o que está oculto, as relações (Macedo, 2000).

Palavras-Chave: Etnicidade, professores, encruzilhada e afetos.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa é parte de inquietações das vivências e experiências durante a vida acadêmica, nas práticas pedagógicas vivenciadas no chão da escola e dos paradigmas sociais que todas as educadoras encontram no ato de ensinar. Desse modo, para o desenvolvimento da pesquisa, tornou-se como método a etnopesquisa, pois, consideramos os sujeitos sociais na construção do conhecimento como elemento fundamental da etnicidade das professoras alfabetizadoras.

Roberto Cardoso (2000), no livro “O trabalho do antropólogo”, explica que as práticas da Etnopesquisa Crítica realizadas por um pesquisador em uma comunidade periférica podem provocar articulações em diferentes contextos e estruturas, principalmente nas relações de poder nos processos imperiais, coloniais e nacionais de representação da alteridade cultural. Cardoso (2005) explica que o itinerário da investigação com o método da etnopesquisa crítica requer um olhar não somente para o positivo, mas um foco na construção da interação e negociação com os envolvidos, pensando assim nas encruzilhadas dos pesquisadores/objeto/contexto.

Assim, escolhi o método da Etnopesquisa Crítica por compreender a relação binária de causa e efeito, de transformação/formação e pesquisador/ pesquisado, que visam justos construir a formação de professores/ pesquisadores para proporcionar a reflexão de metodologias que contribuem para desvelar o oculto,



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

as relações e a sala de aula.

Para coleta de dados, realizei observação que tem suas raízes nas pesquisas antropológicas, que Oliveira (2006) ressalta a importância de observação, não somente como etnologia, mas também como um lugar de conexão do pesquisador com a pesquisa para compreender assim a vida humana. Na observação, produzimos significações únicas, ganhando um aspecto mais geral e explicativo, apesar de ainda proposicional e situacional, Roberto Cardoso (2006).

Essa técnica de investigação tem como fundamento a descoberta dos conhecimentos no campo, envolvendo a participação do pesquisador no dia a dia das sujeitas autoras. A observação deve ser personalizada e multifatorial, compreendendo o compromisso e relação com a instituição e sujeitos.

Assim, a observação ocorreu na Escola Municipal Vivalda Andrade Oliveira no período de 6 meses, nas turmas do 1º ano A, 1º ano B e 1º ano C, nos turnos matutino e vespertino. As turmas têm em média de 25 a 30 alunos, na faixa etária de 6 a 7 anos de idade. Em consonância com isto, a entrevista semiestruturada foi uma das técnicas de coleta de dados utilizadas para compreender o processo formativo, pessoal e social das colaboradoras. Para Oliveira (2006), para os mais íntimos, o *ato de escrever* configura-se como a etapa final do trabalho antropológico, ou como a sua segunda parte. Esta etapa carrega consigo uma importância singular e definidora, pois para Oliveira (2006, p. 25) é “no ato de escrever, portanto na configuração final do produto desse trabalho, que a questão do conhecimento torna-se tanto ou mais crítica”. Oliveira descreve que o *ato de escrever* estará constituído por um imbricando contexto intelectual, moral, político e motivacional, e que é por este ato que o pesquisador terá acesso à cultura e a interpretação dos fatos através da ótica do sujeito.

O estudo sobre etnicidade e formação docente com as professoras alfabetizadoras do PRALLER, abordou em sua estrutura os aspectos qualitativos, os



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

quais compreende a importância das histórias de vida, o processo de formação inicial e continuada das professoras, suas subjetividades e os elementos culturais como fenômenos necessários para trabalhar com diferentes etnicidades no processo de formação docente.

O grupo focal é ancorado em Macedo (2006), para compreender a relação entre diferentes etnicidades das professoras alfabetizadoras através dos movimentos sociais e culturais que são contadas através de suas histórias. Uma realidade que possibilitou escuta sensível, um movimento de encontro com as identidades étnicas dessas educadoras para apresentar sua etnicidade religiosa e formação étnica, suas escolhas pessoais e profissionais.

ETNICIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE

O debate da etnicidade é um paradoxo da humanidade, falar sobre a formação da identidade cultural, social e suas relações com o outro sempre criou paradigmas na sociedade brasileira, principalmente com as disputas étnicas e o racismo presentes na realidade mundial. As discussões criam um incômodo, especialmente em nós brasileiros, cujo a estrutura capitalista se esforça na tentativa de consolidar a democracia racial, sobretudo a negação da pluralidade, da religião, da mestiçagem e dos legados africanos, afro-brasileiros e indígenas na formação social e econômica do povo brasileiro. Confirmando assim, a complexidade de debater e refletir a etnicidade nesse estudo.

Desse modo, para compreender a etnicidade, precisamos realizar uma retomada no seu desenvolvimento conceitual, abrindo os caminhos de Exu, como lugar de domínio epistemológico e potência para referenciar a linguagem como um todo, não restrita às formas discursivas, mas também como a própria forma de dados da existência em sua diversidade histórica e social (Rufino, 2018). É



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

importante ressaltar que a inclusão dessa referência se configura na necessidade de esclarecer as informações estáticas da miscigenação. Assim, tomarei como partida os aspectos gerais históricos para criar uma dialogicidade com a realidade brasileira.

No livro Teoria da Etnicidade, Philippe Poutignat e Jocelyne Streif-Fenart (1998) discutem a etnicidade como postulações teóricas em torno da identidade étnica, construindo um convite para a etnicidade como formação compreender as fronteiras da identidade étnica. Para essa pesquisa, iremos compreender a etnicidade como um elemento social, cultural e dialógico entre diferentes grupos como sinaliza Barth (1996).

Com o desejo de conhecer os caminhos da infância e formação dessas mulheres, professoras e alfabetizadoras, me coloco à disposição de estudar as etnicidades como linha tênue nos atravessamentos cotidianos do ser professor.

Na luta por compreender as diferentes etnias, o Brasil começou suas andanças com a visão de Nina Rodrigues, que explicava que a herança racial era uma chave para desvendar a criminalidade do final do século XIX para o início do século XX, com as manifestações culturais dos negros (afro-brasileiros). A visão da Nina Rodrigues perpassa a análise de provas da inferioridade da raça negra, estudando crimes, casos de loucura, de crenças religiosas, na busca de pistas que pudessem comprovar suas teorias sobre a inferioridade racial. Suas teorias foram uma linha tênue na sociedade brasileira, levando em consideração que seu ponto de vista forjou a marginalização do povo negro. No século XX, o autor Gilberto Freyre (1987) escreveu o livro "Casa Grande e Senzala", descrevendo as contribuições dos portugueses, dos povos indígenas e negros na formação da cultura nacional. Porém, na obra, o autor não denunciava as violências e barbáries da formação da sociedade brasileira, principalmente na apropriação dos legados africanos.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Em 1969, Friedrich Barth, desenvolve seus estudos sobre etnicidade, numa perspectiva de descentralização da identidade. O autor foi responsável pela desconstrução de uma concepção engessada de grupo étnico para uma concepção flexível e dinâmica, na qual os grupos étnicos devem se estabelecer e se reproduzir de forma mutável. Barth explica que "os grupos étnicos são categorias adescritivas e de identificação, que são utilizadas pelos próprios atores e têm, portanto, a característica de organizar a interação entre os indivíduos" (1976, p. 10-11).

Segundo Barth, a etnicidade poderia ser compreendida de diferentes formas, inicialmente a etnicidade foi o ponto de partida para formação do estudo dos grupos étnicos e suas fronteiras, na coletânea de ensaios publicados por Friedrich Barth, em Oslo (1969). Carneiro (2009) explica que o estudo da etnicidade é uma faca de dois gumes pois obriga seus detentores a demonstrar performaticamente a sua "cultura" (p. 313).

Da mesma forma, a etnicidade permite a observação e a valorização de particularidades da formação das identidades, sem com isso desprezar a multiplicidade de elementos sociais e culturais que envolvem o processo. Ao fazermos isso, não construímos um isolamento étnico, mas detalhamos uma análise que quase sempre acaba por ser diluída em teorias que são utilizadas para justificar, defender e legitimar a mestiçagem, enquanto operador ideológico de uma pseudodemocracia racial.

Santana (2019) nos auxilia a pensar que os caminhos para refletir sobre a Etnicidade implicam em entender o que o impacto social pode causar no sujeito.

Em si, o impacto social deste estudo, se coloca quando fazemos as seguintes reflexões: 1) sobre os efeitos de interação social dos grupos étnicos; 2) sobre as relações interétnicas entre diferentes grupos étnicos que convivem numa mesma sociedade; 3) sobre o



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

entendimento de que os grupos étnicos enquanto organização política e social, trazem suas particularidades nas entranhas de suas etnicidades (2019, p. 05).

Quando pensamos a etnicidade das professoras, compreendemos que os efeitos da interação étnica podem causar impactos sociais e culturais na formação de suas identidades étnicas, visando que essas relações interétnicas podem causar conflitos nos diferentes grupos através da religião, da política e da cultura, compreendendo que as organizações costumam homogeneizar as relações humanas.

Nas andanças da pesquisa, nos deparamos com a etnicidade através dos relatos apresentados pelas professoras, quando apresentaram suas famílias, encontrando algo em comum entre elas, como podemos observar em suas falas: Carolina é filha de uma mulher branca com homem negro, como sinaliza a professora “ *eu sempre disse que era parda, mas ninguém aceitava, sou filha de um homem negro*”. Maria vivencia essa fronteira da mestiçagem em sua família através de sua mãe branca e seu pai negro retinto. A professora nos explica: “*sou uma mulher negra, filha de mãe branca e pai negro, sou o resultado de um casamento interracial*”. A professora Tereza, por sua vez, fala: “*meu avô era negro retinto, meu pai já nasceu um pouco claro, minha mãe é branca*”. As falas das professoras nos mostram como a etnicidade e identidade étnica estão interligados a raça. O estudo de Bacelar (1989) demonstra como esse pensamento está enraizado nos sujeitos brasileiros:

[...]a identidade tende a cristalizar-se ou condensar-se em torno de indícios, ou seja, símbolos ou emblemas étnicos. [...]As formas físicas têm sido utilizadas com vários propósitos, objetivando distinguir os grupos. (Bacelar, 1989, p. 43).

O autor nos ajuda a perceber como as etnicidades são vistas pelas professoras através dos signos que a sociedade constituiu como do corpo negro



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

(cabelo, cor da pele e traços físicos), porém a identidade étnica do sujeito, segundo Barth (1984), se expressa pelo ato de um grupo poder contar "com membros que se identificam a si mesmos e são identificados pelos outros". Desse modo, a construção da identidade étnica tem na autoafirmação sua grande base fundadora a etnicidade, que propõe conhecer a interação de grupos étnico.

As professoras, através da interação étnica, nos mostram que a etnicidade religiosa é um marcador importante para o estudo das diferentes etnicidades dessas educadoras no ambiente escolar, que vem cristalizando o currículo e o fazer pedagógico. Para isso, busquei compreender como essas educadoras vivenciam as diferentes religiões em suas vidas. Carolina afirma que é *"católica, me afastei um tempo, mas voltei e sigo fielmente à minha igreja"*. Maria, apesar de não seguir nenhuma religião, tentando romper com a formação cristalizada, diz: *"minha mãe é cristã, minha irmã agora é evangélica"*, mostrando interesse pela religião afro-brasileira, porém ainda é uma luta dos povos negros. Tereza também vem buscando seus cuidados através das religiões africanas, porém no ambiente escolar busca não demonstrar sua religião para os alunos, como sinaliza a mesma quando explica que *"fora da escola eu me cuido com a rezadeira, porém na escola meu objetivo é o currículo"*.

Através das categorias das etnicidades das professoras, busquei entender como esses elementos são vivenciados nas suas inter-relações, trazendo uma discussão como essas diferentes etnicidades que se relacionam no ambiente escolar.

No caminhar para conhecer as etnicidades dessas professoras, compreendemos como as fronteiras têm implicações na vida dessas mulheres e suas relações umas com as outras. Através das fronteiras, entendemos que na relação entre o eu e o outro, as professoras encontraram seus grupos étnicos, sua formação étnica e sua identidade. Um exemplo disso foi a descoberta entre elas



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

da formação de suas famílias interracialis, colocando as educadoras em um lugar de formação étnica similar. A segunda fronteira importante foi que as educadoras não nasceram na cidade de Amargosa, ambas buscaram a cidade para o processo de escolarização ou independência financeira de suas famílias. Barth (1976) expõe que “essas fronteiras étnicas são mantidas por meio de mecanismos que diferenciam os grupos e que definem padrões de relacionamento entre eles”.

Santana (2019) explica que,

Etnicidade não está vinculada a raça, mas raça pode ser uma categoria da etnicidade. Raça é uma abordagem sociológica histórica com um viés de origem biológica. Etnicidade tem base social e carrega o sentido de uma abordagem sobre os grupos étnicos ou de processos étnicos, logo, podemos afirmar que pensar na etnicidade com o seu caráter situacional, contextual, relacional e interdisciplinar nos coloca frente a pensar sobre os conhecimentos produzidos por diferentes etnicidades se constituindo em conteúdos étnicos. (p. 10)

Através de Santana (2019), compreendemos o paradoxo da etnicidade como uma ciência que rompe o lugar do estudo sobre raça, para criar uma nova epistemologia que permite conhecer os grupos sociais e sua formação étnica.

Atualmente, podemos entender que na etnicidade entram outros elementos além da cultura, embora estes sejam interligados. Podemos didaticamente destacá-los para melhor compreendê-los: Quando pensamos nas professoras e suas salas de aulas, notamos como a cultura e a religião estão enraizadas no fazer pedagógico. Carolina mostra que a sua formação cristã perpassa suas metodologias, mesmo quando a organização da escola enfatiza o lugar laico da educação, na fala a seguir podemos compreender melhor: “*eu não rezo na sala de aula, mas agradecemos a Deus, eles já tinham esse costume*”, quando a professora dá continuidade aos elementos do catolicismo em suas aulas, deixa claro que cultural e religiosamente concorda com a continuidade dessa metodologia em sua aula, como elemento norteador da formação humana.



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Outro exemplo que será apresentado nas discussões é a fronteira religiosa vivenciada pela professora Tereza, que entre a continuidade religiosa de sua família, tenta resgatar as religiões afro-brasileiras, a mesma explicou que “*minha mãe é católica, eu sempre aprendi em casa essa religião, mas gosto de me cuidar com a rezadeira*”. Outro ponto destacado pela professora foi que “*eu não rezaria na minha aula, a escola tem sua formação na Pedagogia Histórico Crítica*”. Compreendo, através das colocações das professoras, que as fronteiras com suas inclusões e exclusões trazem os traços característicos de cada grupo e são reproduzidos através do ensino que perpassa sua formação étnica.

Desse modo, essa pesquisa buscou trabalhar com duas categorias: etnicidade e fronteiras para analisar como as etnicidades das professoras alfabetizadoras constituem a prática docente, com ênfase na história e cultural africana e afro-brasileira.

REFERÊNCIA

BACELAR, J. **O negro em salvador: os atalhos raciais**. R. História, São Paulo, n. 129-131, ago./dez. 1993 a ago./dez. 1994. p. 53-65

BARTH, Fredrik. **Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. teorias da etnicidade. São Paulo: Unesp, 1998, p. 185-227.

BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas** (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade étnica e a moral do reconhecimento**. In: ATHIAS, Renato. **Caminhos da identidade: ensaios sobre identidade étnica e multiculturalismo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006, p. 19-57.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível**. In: ATHIAS, Renato. **Cultura com aspás**. São Paulo: CosacNaify, 2009, p. 235-244.

